

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RIO-GRANDENSE**  
**EM ANA TERRA DE ÉRICO VERÍSSIMO**

Miquela Piaia<sup>1</sup> (IFF-RS)

**1. CONTEXTUALIZAÇÃO**

O **Continente**, obra do escritor gaúcho Érico Veríssimo (1905-1975), possui dois tomos e treze episódios, que juntamente com *O retrato* e *O arquipélago* formam a trilogia de **O tempo e o vento**. Os episódios *A fonte*, *Ana Terra*, *Um certo Capitão Rodrigo*, *A teiniaguá*, *A guerra* e *Ismália Caré*, representam o passado e são intercalados com os episódios de *O sobrado*, que representam o presente da narrativa dessa primeira parte.

O nosso foco está no episódio de **Ana Terra**, que tem como substrato histórico a conquista do território do Rio Grande do Sul por famílias paulistas e a formação dos primeiros povoados, tendo duração de 1777 à 1811.

No contexto das guerras pela conquista dos territórios, que ocorreram nesse período, Veríssimo captura o fluxo histórico através de suas figuras literárias. *Ana Terra*, por exemplo, tem um olhar crítico diante da matança e guerras promovidas pelos homens. Ao contar a história do Rio Grande do Sul, tecendo em sua trama, guerras, lutas, conflitos, tensões, dilemas e honra, o autor insere os fatos históricos e dialoga com eles através de seus personagens. Conforme PESAVENTO:

História e literatura apresentam caminhos diversos, mas convergentes, na construção de uma identidade, uma vez que se apresentam como representações do mundo social ou como práticas discursivas significativas que atuam com métodos e fins diferentes. A identidade, por sua vez, é um processo ao mesmo tempo pessoal e coletivo, onde cada indivíduo se define em relação a um “nós” que, por sua vez, se diferencia dos “outros”. (PESAVENTO, 2000, p.9)

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

## **2. A OBRA**

“Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando” (VERISSIMO, 1997, p.7). Este é o início da narrativa que aborda temas como o patriarcalismo, a submissão da mulher, honra e coragem. Ana Terra é uma personagem cheia de valor e honra, silenciosa e forte, repudia a morte e vence o próprio tempo, com a força do vento. Ela era um filha de Maneco Terra e Dona Henriqueta. Nascera em Sorocaba e viera com a família para a vasta solidão dos campos e coxilhas do Rio Grande de São Pedro. O pai lhes fizeram, algumas vezes, uma inútil promessa de voltarem para São Paulo. O patriarca casmurro Maneco Terra, não gostava nem de soldado nem de padre e achava sem serventia “tudo que é bonito”. (VERISSIMO, 2007, p.11).

Em 1977, era uma moça de 25 anos que ainda esperava o amor e o casamento. Tinha olhos e cabelos pretos, rosto muito claro, lábios cheios e vermelhos, era uma mulher bonita, como observou o major Rafael Pinto Bandeira, em sua passagem pelo rancho dos Terra: “Nesse dia precisarmos de moças bonitas e trabalhadeiras como vossa mercê. Deus vos guarde! (VERISSIMO, 2007, p.11).

A família de Ana morava no descampado, sob os temores de invasões dos índios coroados ou dos castelhanos. Levavam vida muito primitiva e humilde. O rancho que habitavam não podia ser mais primitivo. O velho Terra, assim como os filhos, era analfabeto, homem taciturno e de poucas palavras. O mobiliário do rancho era escasso e rústico. Naquele ermo aquela gente não fazia mais que trabalhar de sol a sol, comer, dormir e esperar... Um dia era quase sempre a repetição do anterior. A família estava ilhada naquele verde de horizontes sem fim. Não tinham calendário, nem relógio, nem vizinhos próximos.

E foi num dia assim, no qual a rotina se repetia, sem nenhuma expectativa ou anseio, que Ana encontrou um índio, que fora criado em uma redução jesuítica, chamado Pedro Missioneiro. Ele estava caído, ferido, perto da sanga onde Ana lavava as roupas. Assustada, correu e chamou os homens da casa. O pai e os irmãos o recolheram

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

e cuidaram dele no rancho. Apesar de certa má vontade do pai e irmãos, o índio foi ficando e se incorporando ao primitivo clã. Mas ele nunca obteve a confiança total dos homens da casa, Maneco Terra dizia sempre que os índios eram traiçoeiros.

Mas aquela figura mística de cara rapada e olhar oblíquo, foi ficando, trabalhava, tocava flauta e contava histórias muito lendárias, numa língua misturada de português e espanhol, despertando em Ana uma mistura de sentimentos que ela nem imaginava existirem.

Uma outra cultura bipolar se insinua na narrativa: a do confronto da civilização ou cultura com a barbárie/natureza. A começar pelo casal originário que dá início ao romance: Pedro Missioneiro e Ana Terra. Nesse mito das origens, o encontro do índio com a moça branca inverte os significados: é do lado de Pedro Missioneiro, supostamente identificado com a barbárie, que se introduz a sensibilidade e a cultura no rancho dos embrutecidos Terra. Pedro Missioneiro toca flauta e é também o narrador, que traz para aquele fim de mundo histórias de um “longe” no tempo e no espaço. Essa erupção civilizatória vai despertar também as forças da natureza: o impulso sexual se revela em Ana que, ao experimentar esta sensação de prazer, o associa a descoberta de uma salamanca. (PESAVENTO, 2001, p. 49.)

Do amor de Ana Terra e Pedro Missioneiro, vai nascer, mais tarde, um filho que repetirá as feições e o nome do pai, e a teimosia e o silêncio do avô Maneco Terra. Para cumprir o código de honra do clã, e por ordem do chefe Maneco Terra, Antônio e Horácio, irmãos de Ana, matam e enterram, longe do rancho, o índio Pedro Missioneiro. Este presente a sua morte, e parece aceitá-la, como se estivesse aceitando o seu destino. Eles levaram Pedro para bem longe da estância para não infringirem o dever sagrado da hospitalidade. Tudo questão de honra familiar.

O filho de Ana Terra e Pedro Missioneiro nasceu em 1789. A vida continuava amarga e se torna ainda mais trágica, quando um bando de castelhanos invadem o rancho dos Terra, matam o pai e o irmão de Ana e mais dois escravos, violentando Ana Terra. Nessa época Horácio morava em Rio Pardo e Dona Henriqueta já havia falecido. O rancho que estava em um período próspero, é completamente destruído pelos

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

castelhanos. Escaparam da chacina Eulália, mulher de Antônio, Rosinha sua filha e o filho de Ana, que só sobrevivem por causa da imensa coragem de Ana que manda que eles se escondam e retorna para a casa, para que os saqueadores, caso vissem as roupas das mulheres, pensassem que ela era a única na casa. Assim, ela impede que a tragédia fosse ainda maior, e aguenta as humilhações dos abusos que sofre dos vários castelhanos que lá estavam, para salvar tudo que tinha de mais precioso, seu filho.

Quando as carretas de Marciano Bezerra passam por ali, em demanda das sesmarias do Coronel Ricardo Amaral, as duas mulheres e as duas crianças seguem com eles. Ana Terra segue para o rincão longínquo de Santa Fé: é a fuga da sua solidão, de sua família, do crime dos irmãos que mataram Pedro Missioneiro, da insegurança e da violência que tomaram conta de sua terra. Ali ela deixa o seu passado.

Depois de longa viagem e sofrimento, chegam ao final do caminho e fincam raízes na nova terra. Eulália se une a um viúvo e Ana Terra cria Pedro sozinha, e torna-se parteira. Estão lançando os alicerces de Santa Fé. Passa o tempo e o vento... Pedro, já moço, volta de uma guerra sob as ordens do Coronel Ricardo Amaral, e se casa com Arminda Mello: do casamento nascerá um casal de filhos, Juvenal (1804) e Bibiana (1806).

Então ocorre nova guerra para a conquista da Banda Oriental (1811), e lá se foi novamente Pedro Terra. Pedro sabia bem o que era uma guerra. Ia sem nenhuma ilusão. Despedindo-se da mãe, lhe diz: “Mãe, tome conta de tudo...” (VERISSIMO, 2007, p. 99) – Parece pressentimento de que não voltará.

Ana Terra fica escutando o vento. “Estava de tal maneira habituada ao vento que até parecia entender o que ele dizia...”. Nas noites de ventania, ela pensava nos seus mortos. Muitos anos depois, sua Bibiana, já mulher feita, ouvia a avó dizer, quando ventava: “Noite de vento, noite dos mortos...” (VERISSIMO, 2007, p. 99).

### **3. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER GAÚCHA**

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

“Toda literatura constrói imagens, idéias, história, personagens; mas do que isso, constrói identidades.” (GODOY, 1999, p. 61) A construção da identidade do povo gaúcho provem da sua cultura, dos seus valores históricos que ultrapassam o tempo. Através de seu passado glorioso, ainda hoje permanece o mito de homem gaúcho: guerreiro, autoritário, valente; e a mulher: trabalhadora e corajosa. “A identidade deve ser compreendida com um processo de movimentos incessantes entre sujeitos e suas histórias, suas crenças, seus valores e suas culturas”. (Idem, p.75)

Ana Terra mostra-se descontente e insatisfeita com a vida que leva, quer casar, voltar para São Paulo ou para qualquer lugar longe daquela terra sem expectativas. Mesmo submissa ao pai, Ana não permitia que lhe roubassem o sonho silencioso de querer mais.

Apesar da evolução do comportamento humano ocorrido de geração a geração, ainda hoje o principal papel social da mulher é a maternidade e o casamento. Matrimônio e sociedade são duas instituições sociais poderosas, ambas permanecendo em uma confortável posição quanto às suas respectivas responsabilidades no que concerne ao lugar e à condição feminina – inferior e submissa. A mulher deveria louvar e reverenciar o sucesso de seu protetor, bem como submeter-se ao poder do seu provedor e da sociedade, pois só através deles seria reconhecida, embora presa em uma teia de relações de dependência material, existencial e emocional por ser obrigada a permanecer passiva e anônima. Esta dependência se materializava porque, para ser sujeito, a mulher precisava sujeitar-se às instituições e ao sistema.

A mulher na literatura e na sociedade desempenha duas funções distintas, ou são exemplo de virtude, honestidade e honra, em um sentido quase virginal, ou são aquelas ameaçadoras, sedutoras, desonradas.

Ana Terra oscila também, enquanto personagem, entre a sina da mulher de esperar a volta dos homens da guerra, de trabalhar e de criar os filhos, e a gerência do seu destino, que sua teimosia é capaz de realizar. Ela, de uma certa forma, luta contra o destino. (PESAVENTO, 2001, p.47)

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Ana Terra é o mito da mulher gaúcha, valente, corajosa, honrada, mãe zelosa, que serve de modelo e matriz dos descendentes, ligada a terra, sofrida pelo trabalho duro na terra e submissa os homens. Além de representar a mãe que dedica a vida aos filhos, corresponde a todas as características anteriormente citadas que são reforçadas pela tradição ao longo do tempo.

Tome-se o caso das figuras femininas de Ana Terra e sua neta Bibiana. Elas são fortes, duras e representam o elemento de continuidade na História. O emblemático do nome – Terra – se materializa na função que exercem na trajetória da família; elas são as raízes que asseguram a continuidade, a estabilidade e a ordem do mundo de caos e de guerra. (PESAVENTO, 2001, p.47)

As mulheres de Érico Veríssimo na obra **O tempo e o vento**, retratam a mulher da época do início da colonização do Rio Grande do Sul. Essa obra justamente vai esclarecer como o mito a mulher gaúcha construído a partir daquela época operou nas outras gerações.

Ana Terra apesar de ser uma figura submissa, tem coragem de enfrentar a vida e os próprios homens em situações de revolta e na proteção e defesa do filho. Ela enfrenta os irmãos quando fala do assassinato de Pedro Missioneiro: “Ana estacou de repente no meio da sala, de cabeça alçada, olhos fuzilando, como uma cobra pronta a dar o bote. Olhou firme para o irmão e cuspiu a palavra que havia muito recalcada: Assassino!” (VERÍSSIMO, 2007, p. 53).

Quando ela enfrenta o tão respeitado Coronel Ricardo Amaral pedindo que ele não levasse Pedro para a guerra sua ousadia reflete um pouco da mudança do papel da mulher na sociedade que tem ocorrido nos últimos anos. Hoje muitas mulheres já provem o seu próprio sustento, e criam seus filhos sozinhas. Ana aos poucos vai tomando coragem para contestar o que lhe era imposto.

Através de Ana Terra, Érico Veríssimo representou o mito da mulher gaúcha que perdura até hoje:

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Apesar das mudanças sociais que a vida da mulher gaúcha passou, a imagem daquela que dedica a sua vida aos filhos, que cuida da casa, entre outros, ainda são muito valorizados na sociedade. A mulher sente necessidade extrema de dar conta de tudo, de ser ótima mãe e dona de casa, além de trabalhar fora. Ana Terra representa muito bem a mulher gaúcha, apesar de ser uma mulher do início da colonização, ainda muito submissa, porém, dando provas de seu amadurecimento e desenvolvimento em muitas passagens da obra, caracterizando-se como a mulher na sua transformação histórica e servindo de modelo para as de sua geração. (VENTURINI, 2004, p. 35.)

#### **4. A IDENTIDADE SUL-RIOGRANDENSE – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A identidade Rio-Grandense centraliza-se na sua formação étnica que lhe deu suas características culturais. A fronteira das terras do sul eram constantemente alteradas geograficamente, Espanhóis e Portugueses travaram longas lutas pela conquista do território do Rio Grande do Sul. Então nesse território houve a fusão, especialmente de três culturas, que estão representadas na obra de Veríssimo: a portuguesa, a espanhola e a indígena, entre outras.

Ruen G. Oliven (1998, p. 37) fala que embora as identidades sejam entidades abstratas, enquanto propriedades distintas que diferenciam e caracterizam os grupos sociais o que se dá a partir da vivência cotidiana. As primeiras vivências e socializações culturais são determinantes na construção de identidades sociais, sejam elas étnicas, religiosas, regionais ou nacionais.

A construção da identidade Rio-grandense vem sendo tecida ao longo da história. O gaúcho é identificado como homem forte, lutador e a mulher como aquela que cuida da casa, cria os filhos para que trabalhem na terra e para lutar em guerras. Esse modo de ser do gaúcho, fundamenta-se nos valores que preserva de sua história. A figura do gaúcho é fruto de uma sociedade pastoril e guerreira, com pitadas de misticismo e aventuras.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Seja mito, seja estereótipo, seja ideologia, o fato é que Érico Veríssimo faz a síntese do equilíbrio entre os dramas individuais e as mudanças históricas coletivas, mostrando o gaúcho como sendo simplesmente gaúcho: um homem social, livre e honrado. E como disse Maneco Terra: “Pátria é a casa da gente.” (VERISSIMO, 2007, p. 11), então aqui está a nação de um povo guerreiro.

**Referências**

LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. Ijuí: Unijuí, 1998, p. 48-49.

VERISSIMO, Erico. **Ana Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PESAVENTO, Sandra J.. **Literatura, História e Identidade Nacional**. Santa Maria: Vidy, 2000, p. 22.

PESAVENTO, Sandra J. **A narrativa pendular: as fronteiras simbólicas da história e da literatura**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001, p. 49.

GODOY, Ana Boff de. **Identidade criouliada: a (re) construção de um novo homem**. In: BERND; LOPES, 1999, p. 61.

VENTURINI, Aline. **Ana Terra e o mito da mulher gaúcha em “O Continente”, de Érico Veríssimo**. Cruz Alta: Unicruz, 2004, p.35.

OLIVEN, Ruben G. **Mitologias da nação**. In: FELIX; ELMIR, 1998, p. 37.

---

<sup>i</sup> (Mestre em Letras - Literatura, Instituto Federal Farroupilha - Câmpus Santo Augusto-RS, Brasil)  
E-mail: miquela@sa.iffarroupilha.edu.br